

Três vezes superação

Conheça três profissionais de Educação Física com deficiências físicas que superaram os obstáculos e hoje colhem os frutos de sua persistência.

Esporte Paraolímpico. Educação Física Escolar. São várias as facetas da Educação Física voltada para os portadores de deficiência e da relação dos profissionais de Educação Física com esse público específico. E quando a situação se inverte e o profissional é o portador da deficiência? Como os profissionais de Educação Física com deficiência driblam o preconceito para se firmar na prática profissional? A Educação Física pode se tornar uma opção de carreira para quem tem deficiência? A resposta é: claro que sim! E esses três profissionais de Educação Física, que dividiram conosco suas histórias de vida, são a prova disso.

Determinação para conseguir o que se deseja

É uma manhã de sexta-feira. A academia, situada em um grande shopping da cidade do Rio de Janeiro, está razoavelmente cheia. O Profissional de Educação Física Felipe Velasco (CREF 031086-G/RJ) chega um pouco atrasado à entrevista para a *Revista EF* e pede desculpas: um aluno havia se sentido mal e ele, como responsável pelo turno, teve que levá-lo à enfermaria. Seu caminhar rápido não indica o porquê de Felipe ser personagem dessa matéria: está tão adaptado à prótese que usa no lugar do pé esquerdo que nem aparenta ser portador de deficiência.

A má formação de Felipe é congênita, mas ele, desde pequeno, nunca permitiu que a deficiência o impedisse de fazer o que mais gosta: praticar esportes e atividades físicas. “Eu queria provar pra todo mundo que podia fazer tudo o que quisesse, independente de ter uma limitação ou não, sempre tive isso na minha cabeça. Eu costumo falar que tenho que provar tudo pra todo mundo, a todo momento”, conta o profissional.

O interesse pela área fez com que, na escola, nunca deixasse de participar das aulas de Educação Física. “Se eu não me engano, meus professores nem sabiam que eu tinha [deficiência]. Não me lembro de um professor





que tenha me protegido, me posto de lado por causa disso, até porque eu sempre fui muito vidrado em esporte. Então eu nunca iria aceitar uma exclusão assim”, relembra. A principal resistência que encontrou foi dentro de casa. “Principalmente dos meus pais, pelo excesso de zelo, de cuidado”, explica.

Hoje, com um ano de formado, Felipe é o Profissional de Educação Física responsável pelo horário da manhã na academia onde trabalha. Está atuando na vertente que realmente quer, e o sonho para o futuro é assumir a coordenação de uma unidade da rede de academias da qual é funcionário. “Gosto muito da gestão de pessoas, da administração. Quero pegar um pouquinho desse outro lado também”, conta.

Para Felipe, ainda são poucos os profissionais de Educação Física que têm algum tipo de deficiência: “Eu não conheço mais ninguém além de mim”. Mas ele acredita que a persistência e a determinação podem ser grandes molas propulsoras para o sucesso profissional de um portador de deficiência que queira seguir a carreira de Educação Física. “Tudo na vida, se a gente quiser com vontade, com determinação e correr atrás dos objetivos, a possibilidade de conseguir é muito grande. Claro que há a influência de outros fatores, mas só o fato de você ser determinado e lutar com todas as forças para que isso aconteça, já é um grande passo para conseguir o objetivo final”, avalia.

De atleta paraolímpico à Educação Física Especial

A aula de Capoeira está para começar no Centro Integrado de Atenção à Pessoa com Deficiência (CIAD), espaço criado pela Prefeitura do Rio de Janeiro para crianças, adolescentes e adultos com deficiências físicas e mentais. O professor Mauro Bernardo de Oliveira (CREF 010947-P/RJ) passa pelos alunos, é cumprimentado por todos, mas não é ele quem vai dar a aula da luta brasileira: está ali só para mostrar as instalações do CIAD à reportagem da *Revista EF*. Como coordenador de Esporte Adaptado da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, Mauro tem uma rotina agitada, que exige visitas não só ao CIAD, mas a outras treze instalações, entre vilas olímpicas e espaços de lazer, que trabalham com o esporte direcionado à pessoa com deficiência. E tudo isso sobre duas rodas.

Mauro é cadeirante desde os 20 anos, quando um procedimento médico mal-sucedido na embolização de um angioma, em sua medula, o deixou sem o uso das pernas. Como já praticava atividades físicas antes do problema médico, Mauro continuou com a rotina de treinamento que tinha como atleta de polo aquático do Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro. Em 1984, um treinador o observou e resolveu convidá-lo para competir em natação. “Na primeira competição que eu fui, bati o recorde brasileiro. Fui a duas Paraolimpíadas, Seul e Barcelona, fui recordista Panamericano, fui vice-campeão mundial”, enumera.



A vida como atleta paraolímpico durou 15 anos e serviu de estímulo para Mauro, que cursava a faculdade de Economia, desenvolver sua carreira na área de Educação Física. “Quando eu parei [de competir], meu treinador me chamou para dar aula e perguntou se eu não queria trabalhar com ele. Fui fazer a faculdade de Educação Física”, conta. E foi durante o curso universitário que descobriu o seu pioneirismo: “Não existia ninguém de cadeira de rodas fazendo Educação Física. Eu ficava pensando: como ia ser, como vou conseguir emprego, como as pessoas vão me olhar como pessoa com deficiência e Profissional de Educação Física? Porque eu não queria ficar ligado só à pessoa com deficiência. Por eu ter deficiência, só posso dar aula pra pessoa com deficiência?”, relembra.

O temor se revelou, em parte, injustificado: desde que se formou, Mauro foi convidado a orientar tanto turmas regulares quanto especiais, independente de ser cadeirante. No entanto, foi no campo do Esporte Adaptado que ele se especializou. “Eu sou Profissional de Educação Física como qualquer outro. Tenho conhecimento para trabalhar com qualquer pessoa. Mas eu trabalho com pessoas com deficiência por ter mais conhecimento [na área], e aí me facilita”, explica. Além das atividades como coordenador de Esporte Adaptado, Mauro ainda dá aulas de Educação Física para turmas regulares do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Persistência a toda prova

“Meu maior sonho era ser capaz de voltar a exercer minha profissão, após o acidente. Já aconteceu. Voltei”.

Foi assim que a curitibana Mari Santilli (CREF 008709-G/PR) resumiu o seu maior sonho no campo profissional. E é um atestado de sua força de vontade

em suplantar adversidades. A Profissional de Educação Física, cuja paixão pela corrida a havia estimulado a começar no triatlo amador, sofreu um acidente em 2006, ocasionando a amputação de boa parte de sua perna esquerda.

Mari não deixou que a fatalidade se tornasse um obstáculo à sua prática profissional: hoje, dá aulas na rede municipal de Curitiba e é instrutora de natação em uma academia. “Profissionalmente, continuo atuando como antes. Claro que com algumas mudanças: na escola, por exemplo, no eixo dança, tenho mais dificuldade de mobilidade, mas não deixo de participar, até mesmo porque, na verdade, nunca foi meu forte mesmo”, relata. Em vez de correr nas pistas, agora Mari testa sua velocidade nas águas da piscina e do mar. “Na área da natação, acho que aumentou minha sensibilidade, tive que me aplicar bastante como nadadora para compensar a deficiência. Na verdade, hoje nado bem melhor que antes”.

Com a amputação, Mari obteve um novo ponto de vista com relação à acessibilidade de pessoas com deficiência em clubes, academias e outros estabelecimentos para a prática de exercícios físicos. “Como cliente, observo que a parte arquitetônica e funcional da própria academia onde malho, e da maioria das outras, não favorece o público especial. Onde estão os deficientes físicos que precisam se reabilitar nas academias?”, questiona.

Para profissionais que, como ela, de repente se viram com uma limitação física, Mari tem um conselho: “o mais importante é você se aceitar em relação à sua deficiência, colocar na balança tudo o que não pode mais fazer e tudo o que ainda pode”. EF